

Grounded Theory Adaptações ao Contexto da Deficiência e Educação

Maria Isabel Camalhão

Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED), Instituto de Educação –
Universidade Lusófona
isabelferreira66@hotmail.com

Serafim Camalhão

Mestre em Sociologia do Emprego, Trabalho e das Organizações pelo I.S.C.T.E.
serafimleopoldo@hotmail.com

Resumo

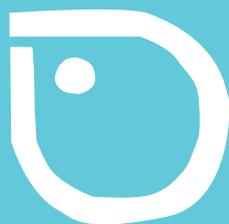
As metodologias necessitam de ter em atenção quer o portador de deficiência investigador quer o participante nas pesquisas académicas. No caso da deficiência há que adaptar teorias, técnicas e métodos, para que o investigador portador com deficiência possa realizar uma pesquisa em ciências sociais. Neste artigo surgem as adaptações de uma investigadora com paralisia cerebral e baixa visão á Grounded Theory. O desafio está em conjugar as características da investigadora, da comunidade científica e do campo de pesquisa, num conjunto harmonioso. A estratégia utilizada nesta investigação passou por basear-se numa metodologia em concreto, a Grounded Theory, e procurando respostas aos problemas em todas as metodologias qualitativas, apresentando um desenho de investigação adaptado a uma situação concreta do investigador com deficiência.

Palavras-chave: Deficiência; educação; pesquisa qualitativa; Grounded Theory; Adaptação metodológica.

Abstract

The methodologies used in social research needed to regard the researcher with disability and participant in the academic research. In the case of the disable, it is needed to adapt theories, techniques and methodologies to allow that the disable may do a research in social sciences. In this article, it is spoken about the adaptation to a researcher with cerebral palsy and low vision to the Grounded theory. The challenge it is in combining the characteristics of the researcher, scientific community and research field in a harmonious way. The strategy used in this research is based in a concrete methodology, the Grounded Theory, and searching answers to problems in all qualitative methodologies. The research design it is adapted to a concrete situation in relation to a disable researcher.

Keywords: Disability; education; qualitative research; Grounded Theory; adapted methodology.



Resumen

Las metodologías utilizadas en la investigación social necesitan de tener en cuenta sea la persona con discapacidad que hace investigación o el participante en la investigación académica. En el caso de las personas con discapacidad, deben adaptarse las teorías, técnicas y métodos para que el investigador con discapacidad pueda realizar una investigación en ciencias sociales. En este artículo se encuentran presentes las adaptaciones de una investigadora con parálisis cerebral y baja visión, a la Teoría Fundamentada. El desafío es en combinar las características de la investigadora, las características de la comunidad científica y el campo de la investigación, en un conjunto armonioso. La estrategia utilizada en esta investigación se basa en una metodología concreta, la Teoría Fundamentada, buscando respuestas a todos los problemas en metodologías cualitativas. El diseño de la investigación que se adapta a la situación concreta del investigador con discapacidad.

Palavras chave: Discapacidad, Educación; Investigación Qualitativa; Teoria Fundamentada; Adaptación Metodológica.

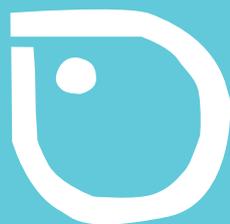
Introdução

O desafio de fazer uma investigação no campo académico, passa pela conjugação de três fatores: o investigador com as suas características, o paradigma dominante na universidade do investigador e o contexto onde se vai realizar a investigação. É a afirmação de que todo o trabalho de investigação necessita de realizar adaptações, não correspondendo de forma pura quer a modelos teóricos quer modelos metodológicos.

O primeiro elemento corresponde ao projeto que é apresentado a uma universidade ou entidade financiadora para aprovação. É um esforço de racionalidade onde o investigador tem que apresentar uma proposta de investigação coerente, exequível segundo as suas características, recursos materiais e de tempo. Neste sentido, a investigadora é portadora de baixa visão e paralisia cerebral, assim como o seu orientador é invisual, o que implica um conjunto de adaptações formais a toda a investigação (Beaud, 2006; Fernandes, 2001; Campenhout & Quivy, 1998).

O segundo elemento refere que os investigadores estão integrados em entidades com um programa de pesquisa que condiciona as suas decisões e forma como a investigação é realizada (Berthelot, 2001).

O terceiro é o contexto onde se vai fazer o trabalho de campo. O problema apresenta dois aspetos: garantir o acesso ao campo e adaptar o instrumento de observação ao mesmo. Sem acesso ao campo não há investigação. Este acesso passa pela negociação com as entidades onde se vai realizar a investigação. O exemplo de acesso às escolas passa por uma série de entidades, entre elas os diretores e as associações de pais que condicionam o acesso definindo, quem, quando e como será feito o contacto (Burgess, 1997). Já dentro das instituições, surge uma segunda negociação há que garantir a adesão dos seus membros, adaptando os instrumentos de observação ao contexto e à pessoa em concreto. Na entrevista etnográfica, por exemplo o desafio não está apenas em fazer uma entrevista aprofundada, mas em escolher elementos representativos do local com as suas características, relações, ações, interações e acontecimentos. O repto está em acordar com



os seus membros o lugar, o horário e a duração das entrevistas. Para o investigador trata-se de uma questão de gestão da disponibilidade, de informação e características dos entrevistados (Beaud & Weber 2003). A necessidade de uma constante adaptação do instrumento de observação, assim como, o investigador necessita de recorrer a todos os seus conhecimentos a todas as metodologias.

Este artigo é fruto dos problemas práticos que se colocam à investigadora. As respostas apresentadas são uma proposta em construção, que se fundamenta na realidade concreta, necessitando algumas de aprofundamento. Metodologicamente é uma pesquisa inspirada na *Grounded Theory* e apresenta uma configuração específica recorrendo à triangulação do contexto instituição de investigação, do investigador e do campo de pesquisa. As dificuldades encontradas ao longo da pesquisa levaram à uma utilização de uma combinação das várias versões de *Grounded Theory*, assim como, a todos os recursos das metodologias qualitativas.

A proposta apresentada, convida os leitores a adaptar o desenho de investigação aos portadores de deficiência, desafiando os teóricos, metodólogos e epistemólogos a adaptar os conceitos de validade, fiabilidade e representatividade ao investigador em concreto tornando-se acessível a todos, independentemente da corrente científica, filosófica ou metodológica utilizada.

O contexto de Investigação.

O que é o contexto? O contexto segundo Strauss & Corbin (2008 p. 87) é, numa tradução livre, "condições que dão forma à natureza das situações, circunstâncias ou problemas, pelos quais, os indivíduos respondem por meio de ações, interações e emoções ". No contexto de investigação são os fatores que condicionam as decisões do investigador ao longo do processo de pesquisa.

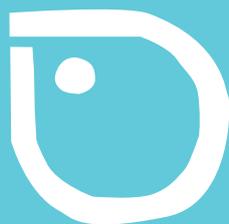
Os elementos que condicionaram as decisões da investigadora foram: a) o objeto e tema de estudo inicial ser a inclusão das crianças com paralisia cerebral e baixa visão em ambiente escolar, b) a investigadora é portadora de paralisia cerebral e baixa visão, c) os eventos no terreno levaram a que começasse a fazer o trabalho de campo antes de ter efetuado uma revisão de literatura completa, d) por último, os modelos existentes do projeto indicam que a universidade onde se insere é caracterizada pelo domínio de um paradigma quantitativo. Neste texto os termos apresentados surgem com uma forma mais técnica e metodológica, com títulos mais analíticos e menos descritos.

Um objeto de investigação problemático

A investigação começou por escolher como objeto de estudo crianças com paralisia cerebral e baixa visão, por incitação do orientador, devido ao facto de que a investigadora terem as duas bivalências. O conhecimento do tema e a vivência de uma vida facultariam toda a investigação.

O objeto de estudo é particularmente difícil, porque a deficiência é um tema socialmente sensível em que estão presentes a discriminação social e preconceito (Karagiannis, Stainback & Stainback, 1999). No decurso do trabalho de campo verificou-se além da dispersão destes alunos por inúmeras escolas e dificuldade em contactar os encarregados, muitos não perimiram a participação dos seus educandos.

O objeto de estudo evoluiu, refletindo as dificuldades e a sua natureza. Este passou por três fases: A primeira comparava crianças com paralisia cerebral e baixa visão, verificou-se que estas não são



comparáveis; Na segunda fase, o objeto passou a criança com paralisia cerebral e baixa visão, foi inviabilizada devido às recusas constantes dos pais na sua respetiva participação; Na terceira, docentes do regular e Ensino Especial que tiveram e têm alunos com paralisia cerebral.

Adaptação da investigação à pessoa com deficiência

A investigadora é portadora de paralisia cerebral e baixa visão tem problemas de mobilidade bem como problemas visuais. A questão que se coloca é: Que adaptações é que são necessárias para que um portador de deficiência possa fazer investigação?

A resposta foi um desenho de investigação qualitativo, flexível que se pudesse adaptar às suas características. As duas soluções encontradas foram a realização do estudo dentro de uma área geográfica com transportes acessíveis e a simplificação quer nos procedimentos de investigação quer nos instrumentos de observação.

Os três papéis da investigadora

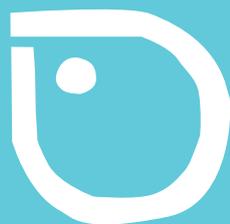
A investigadora apresenta três papéis: docente, investigadora e deficiente. As características do investigador condicionam as interações e o desenvolvimento da pesquisa. Por outro lado, o ato de conhecimento exige um esforço simultâneo de distanciamento e familiarização do objeto de estudo (Costa, 1986).

A vida profissional e a vivência da paralisia cerebral, fazem com que investigadora seja parte do objeto de estudo facilitando e dificultando o trabalho de pesquisa. Há a vantagem de conhecer espaços, ter contactos e ter uma empatia que dispensa ou torna mais fácil a aceitação da investigadora nos locais de pesquisa (Pertz, 2000). A desvantagem está presente na palavra inglesa "Bias" em que o investigador carrega consigo as suas crenças e valores, contaminando o campo com elementos que lhe são estranhos (Stake, 2010). É importante frisar que neste contexto o investigador é parte do lugar estudado, e neste processo é necessário muita reflexão, já que é este que dá sentido ao que é dado observar. Apenas a atividade reflexiva sobre as ações, interações, práticas, decisões e acontecimentos no campo permite reduzir a presença de elementos que são do investigador mas não são do campo (Miller & Fox, 2004).

O campo de investigação condiciona as decisões do investigador

Num desenho e investigação mais clássico, o investigador parte com um projeto de investigação completo. Este inclui basicamente: tema, problemática, pergunta de partida, quadro teórico, conceitos, modelo de análise, métodos e técnicas, forma como vão ser apresentados os resultados e um cronograma (Beaud, 2006; Fernandes, 2001; Campenhout & Quivy, 1998). Numa perspetiva qualitativa esta construção é provisória, que visa apenas que o investigador não se perca numa montanha de dados (Flick, 2005).

Um dos desafios que se colocam ao investigador é o acesso às instituições, sem este, não há investigação (Burgess, 1997). Em Lisboa, há uma instituição que acompanha jovens e crianças com esta problemática, que recusou o estudo por estar em reestruturação. Para quem tem paralisia cerebral e devido aos problemas de mobilidade, esta instituição seria o ideal, concentrando o



trabalho num único espaço geográfico, evitando muitas deslocações. Os alunos com paralisia cerebral não possuem uma escola de referência, encontrando-se espalhados em várias escolas. O não acesso levou necessariamente à multiplicação de pedidos de autorização, e a múltiplas deslocações às intuições.

A investigadora, que se encontrava a realizar unidades curriculares do doutoramento, soube através de contactos, que existiam dois casos de estudo numa escola, consultado orientador, este ordenou que avançasse para o campo. O projeto de investigação tinha apenas a estrutura com um tema, problema de investigação, conceitos base para o estudo, que seria um estudo de casos e a principal técnica, entrevistas semiestruturadas. Não existia, um quadro teórico, modelo de análise, nem instrumentos de observação pré-definidos. Os instrumentos de observação foram construídos sobre uma problemática em construção, assim como foram adaptados às circunstâncias e constrangimentos do campo. Contou apenas com a sua experiência como docente, deficiente e investigadora na tese de mestrado realizado há pouco tempo.

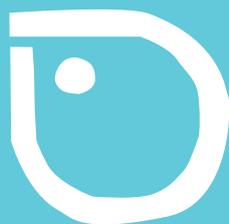
A configuração não correspondia a nenhuma metodologia conhecida. Era algo muito estranho, combinando etnografia, estudo de casos, método comparativo e muitas mais metodologias qualitativas. Etnografia pela presença mais ou menos prolongada no terreno para obter as autorizações, assim como realizar as entrevistas. A par da utilização do diário de campo onde apontava as observações, as notas de campo e os fragmentos de informação numa tentativa de dar sentido ao que via e ouvia (Fernandes, 2002). Estudo de casos porque centra-se em casos concretos de crianças e jovens com paralisia cerebral e baixa visão, inevitavelmente alargava-se ao estabelecimento de ensino onde se encontravam (Yin, 1994). Método comparativo, não só porque inicialmente comparavam-se deficiências diferentes, como os casos e as escolas eram ineditamente fonte de comparação (Vigour, 2005). Esta mistura de metodologias adaptadas à situação concreta da investigadora e do campo de investigação era um problema que se colocava em termos de construção de um projeto de investigação equilibrado.

Apresentar uma proposta de investigação perante um júri.

A apresentação de uma proposta de investigação é uma tarefa burocrática necessária para avançar para o campo, mas também um instrumento que estrutura e define o rumo da investigação. Este tem de ser claro, prático e perceptível para o júri (Silverman, 2013). No caso manifesto, foi-se para o campo numa fase embrionária do projeto, antes da sua defesa.

O projeto de investigação tinha as características de um trabalho de investigação em execução. Pergunta de partida muito aberta, um problema, uma pequena revisão de literatura, os conceitos definidos de uma forma genérica, e apresentou-se uma metodologia flexível e adaptável ao terreno. Manifestava alguns problemas teóricos e metodológicos, assumidos logo de início e que só desenvolvimento da investigação poderia resolver.

O espaço de tempo entre a entrega do relatório e sua defesa permitiu incluir na sua apresentação do trabalho de campo efetuado até então. A releitura do projeto levou a exploração de todas as metodologias. A configuração da investigação correspondia a uma forma *naïf* de *Grounded Theory*, que correspondia a 70 % das características desta metodologia. Na apresentação o termo *Grounded Theory*, foi utilizado para justificar procedimentos e resultados.



O presidente do júri informou que era a primeira então que era a primeira doutoranda a utilizar esta metodologia, e que fizesse «um bom capítulo sobre a *Grounded Theory*» assim como que a investigadora por ser docente e portadora de paralisia cerebral e baixa visão deveria envolver-se na investigação.

Apresentar a *Grounded Theory*

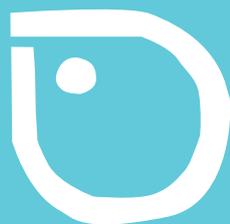
Apresentar a *Grounded Theory* é realizar uma viagem breve pelas obras principais e correntes que as compõem. A ideia central e transversal a todas as correntes desta metodologia está presente na obra fundadora, *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research* (Glasser & Strauss, 1967). Esta obra propõe para a investigação social o critério da descoberta em vez da verificação. Defende a criação de teorias partindo de dados recolhidos no campo, numa estratégia de investigação que combina elementos de metodologias quantitativas e qualitativas. Neste sentido a *Grounded Theory* não é nem quantitativa nem qualitativa, utiliza apenas todas as contribuições que potenciem a descoberta. No entanto a sua expressão e aplicações são principalmente qualitativas Barney (2008).

Desde a publicação da obra fundadora em 1967 surgiram várias correntes dentro da *Grounded Theory*. Podem distinguir-se cinco dessas correntes: *Grounded Theory Methodology*, *Dimensional Analyses*, *Straussian Grounded Theory*, *Constructivist Grounded Theory* e *Situational Analysis* (Morse, 2009). De uma forma geral, a grande ideia é que cada uma com a sua perspetiva tornou-se efetivamente parte da pesquisa qualitativa integrando elementos que não existiam na sua origem. Para falar destas cinco correntes, vai-se apresentar uma ou duas obras representativas de cada autor.

As origens *Grounded Theory*

A *Grounded Theory* numa descrição de Abela, Garcia-Nieto e Corbacho (2007, p 17) em que esta nasceu do trabalho conjunto em hospitais de Anselm Strauss um académico da Universidade de Chicago, com uma vasta experiência em metodologias qualitativas e Barney Glasser da Universidade de Colombia com muitos anos de trabalho no desenvolvimento de metodologias qualitativas. Insatisfeitos com o paradigma positivista dominante juntaram todas contribuições das ciências sociais quer contribuíssem para a descoberta da teoria. As obras que lançaram a *Grounded Theory* foram *Awareness of Dying* (Glasser & Strauss, 1965); *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*, (Glasser & Strauss, 1967) e *Time for Dying* (Glasser & Strauss, 1968).

Em 1990 após muitos anos de trabalho conjunto os autores divergiram. Glasser manteve-se fiel à forma original, denominando-se *Grounded Theory Method* e Strauss lançou as bases de novas formas de *Grounded Theory*. A forma de pensamento de ambos não é muito diferente sempre ligada às obras fundadoras (Urquhart, 2013). A leitura destes autores indica que estes autores voltaram simplesmente às suas origens de formação, mais qualitativas ou quantitativas.



Grounded Theory Methodology

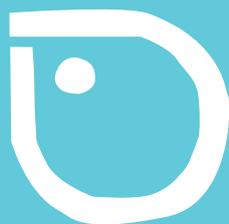
Tem como fundador e continuador Glasser, e procura manter *Grounded Theory* segundo a obra original *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research* (Glasser & Strauss, 1967). Mais que uma metodologia é uma filosofia, uma forma de pensar a investigação (Martin & Gynnild, 2012).

Barney Glasser apresentam uma obra extensa, da qual se vai apenas apresentar as três obras. A primeira é a obra fundadora da *Grounded Theory* comum a todas correntes (Glasser & Strauss, 1967), lança as bases desta metodologia, que de uma forma muito simples procura construir a teoria a partir dos dados.

Como se criam teorias a partir dos dados? Deve-se ir para o campo sem quaisquer elementos teóricos prévios, além da obrigação dos investigadores se tornarem neutros para se fixarem apenas no que os dados revelam. A recolha e a análise de dados, são efetuadas em simultâneo, utilizado o método comparativo. Comparam-se os dados que são agrupados por semelhanças e diferenças, procuram-se as categorias principais, que formam conceitos e estes geram hipóteses. Estas por sua vez, no final do processo, são comparadas com as teorias existentes num processo de passagem da teoria substantiva para a teoria formal. O critério para a amostra é a criação de teoria, sendo que a investigação termina quando não surgem elementos novos. A integração teórica é realizada ao longo do trabalho de campo através dos memos, que vão dando sentido e organizando os dados. Estes são mais uma importação do método etnográfico para a análise de dados, onde estão equiparados às notas de campo (Gibbs, 2001).

O desenvolvimento desta corrente tem sido impulsionado pela luta de Glasser em manter a *Grounded Theory* fiel às suas origens. Este responde cada nova vertente desta metodologia, sobre a forma de livro ou artigo, tornando-a mais clara e refinada.

Glasser em 1992 com *Basics of Grounded Theory Analysis* (Glasser, 1992) e em 1998 *Doing Grounded Theory: Issues and Discussions* (Glasser, 1998) clarifica a estrutura e características desta metodologia. Estas são: (a) O investigador começa com uma área de interesse, deixando que o problema e a teoria se revelem durante o trabalho de campo; (b) A pergunta de partida é muito vaga não se preocupando com delimitações teóricas ou metodológicas; (c) O termo sensibilidade teórica é central. O investigador dirige a investigação, através da sua capacidade de criar teoria. Esta é feita primeiro, por códigos substantivos e destes para os teóricos. A sensibilidade nasce da sua experiência pessoal e profissional assim como da leitura em áreas fora do tema em estudo. (d) O recurso à literatura é efetuado no final da pesquisa, exceto a literatura fora da área substantiva e documentos relacionados com a área substantiva de natureza não teórica, por exemplo etnografias, biografias, relatórios etc...; (e) A codificação aberta, quer dizer que parte-se dos dados, sem qualquer teoria ou modelo prévio; (f) A amostra teórica refere que o trabalho de campo termina, quando se atinge a saturação teórica. Em termos práticos não há um limite de tempo para a duração da pesquisa, número definido de elementos da amostra, nem tão pouco limitações geográficas. (g) Exige-se ao investigador uma dupla rutura, com as suas crenças, interesses profissionais e com a teoria. É o conceito de tábua rasa que diz que o investigador deve esvaziar-se de todas preconcepções para situar-se apenas nos dados. (h) Na sua forma original convida-se o investigador a não utilizar quer o gravador quer o uso de software de análise de dados. Convida-se o investigador a desenvolver a



sua capacidade de memória, síntese e de utilização de notas de campo; (i) A utilização de memos, acompanha toda a investigação de uma forma livre onde tudo pode ser assinalado. Estes vão sendo corrigidos e aperfeiçoados ao longo da investigação. Têm como função essencial a criação de categorias, conceitos e teorias.

A *Grounded Theory* na sua forma clássica é caracterizada pela sua simplicidade, parcimónia e *minus menthoring*. A simplicidade, é composta por procedimentos muito simples. A parcimónia, procura centrar-se no essencial, evitando a dispersão e perdas de tempo. *Minus menthoring* é uma orientação reduzida, pela frequência de um seminário assim como todo o processo está fundado no investigador.

O autor reconhece a dificuldade de aplicar a *Grounded Theory*, ao meio académico. Não há nenhum problema em seguir as exigências de um projeto académico, explicando, no entanto todos os seus procedimentos e toda a revisão de literatura, deve ser considerada como dados.

Dimensional Analysis

O principal autor desta corrente é Leonard Schatzman, o seu trabalho surge associado e é propulsor das obras de Anselm Strauss. Em 1973 com a obra *Field Research: Strategies for Natural Sociology* (Schatzmann & Strauss, 1973) apresenta as dificuldades e limitações de um investigador em criar categorias partindo apenas dos dados. Três aspetos saem da leitura desta obra: O contexto é fundamental para integrar os dados; Apesar da literatura ser um perigo para investigadores inexperientes pode ajudar a dar sentido aos dados; Por último, a análise dos dados é realizada colocando-os e em grupos ou dimensões.

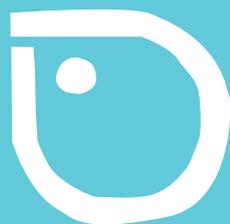
Como é que funciona a Dimensional Analysis? (Bowers & Schatzmann, 2009) O investigador identifica previamente as dimensões que são características do campo em estudo. Estas dimensões facilitarão as comparações e dão sentido aos dados relacionando-os com o contexto.

Ao longo do trabalho de campo revelam-se as relações entre os dados, que vão acrescentando ou eliminando dimensões. No final ficam apenas as mais importantes para o estudo. A teoria atinge-se associando as dimensões com o contexto através de uma observação naturalística.

Straussian Grounded Theory

A *Straussian Grounded Theory* surgiu das dificuldades dos estudantes em utilizar e afirmar-se com a *Grounded Theory* no mundo académico. Na sua obra *Qualitative Analysis for Social Scientists* (Strauss, 1987), , acrescentou algumas ideias de Shatzmann. A estrutura da *Grounded Theory* mantém-se na sua essência. O uso do gravador é permitido assim como programas informáticos de análise de dados. O investigador pode recorrer à literatura para iluminar algum dado mais enigmático. Parte-se para investigação com um problema e um paradigma de codificação. A análise dos dados inclui codificação aberta, axial e seletiva, onde conceitos e dimensões estão relacionados com o contexto da investigação.

A segunda obra em 1990, (Corbin & Strauss, 1990) *Basics of Qualitative Research*, vem aperfeiçoar a obra anterior, a *Grounded Theory* torna-se mais complexa. Em comparação com a forma clássica, o investigador tem ao seu dispor um conjunto de ferramentas analíticas para o ajudar na



interpretação e análise dos dados, surge a matriz condicional como forma de enquadrar os dados, há uma codificação maior dos procedimentos de análise, por fim os diagramas ganham maior peso na integração teórica. Há uma maior regulação dos procedimentos de investigação, assim como, a abertura à complexidade da sociedade. Esta metodologia é vista como uma técnica, a qual pode ter outros usos que não a descoberta mas também a verificação. É a *Grounded Theory* a abrir-se às restantes formas das ciências sociais.

Construtivist Grounded Theory

A *Construtivist Grounded Theory*, tem como fundadora Kathy Charmaz. Teve como mestres Glasser e Strauss, daí que combine aspetos das duas correntes. Dentro das origens da *Grounded Theory*, aprofunda as raízes etnográficas, com a grande importância do contexto assim como do investigador que é parte do mesmo. O construtivismo, surge naturalmente, com a recusa da tábua rasa, é o investigador que conhece e constrói conhecimento (Charmaz, 2006).

Na sua obra *Constructing Grounded Theory: A Practical Guide Through Qualitative Analysis*, (Charmaz, 2006), demonstra que é possível fazer uma análise simples mas também aberta à complexidade. A junção das contribuições de Strauss e Glasser surge sua proposta de análise em quatro fases: *initial coding*, *focused coding*, *axial coding* e *theoretical coding*.

O construtivismo reconhece que é o investigador que recolhe dados e constrói conhecimento. Este não é neutro ao conduzir a sua investigação e há toda uma estrutura pré-concebida de instituições, modelos académicos e teorias o que escondem. O distanciamento não facilita a descoberta de significados, mas sim o envolvimento com os elementos do contexto (Charmaz, 2009). Surge aqui a importância o self, isto é, a necessidade do investigador ter uma empatia com as pessoas, sentir o ambiente, utilizando também as suas experiências, sentimentos, crenças e colocar mesma nos memos, diagramas, codificação, explicitando tantas vezes o que está escondido. A autora apresenta casos associados à saúde, para compreender um doente. É preciso colocar-se na sua posição, e tantas vezes lembrar-se da situação de um familiar, ou do próprio que facilita a correta codificação e análise (Charmaz, 2011).

Situational Analysis

Adele E. Clarke é a principal autora e fundadora da *situational analysis*. Esta apresenta a forma mais complexa de *Grounded Theory*, mas também a mais aberta. A sua obra principal, *Situational Analysis: Grounded Theory After the Postmodern Turn* (Clarke, 2005), apresenta o termo pós-modernidade, para indicar que a *Grounded Theory* está a integrar as contribuições das Ciências Sociais, assumindo não uma forma definida mas muito variada, dir-se-ia desmaterializada (Clark, 2009). A grande contribuição desta autora está na aplicação desta metodologia a documentos e imagens. O estudo de documentos e de imagens, não apresentam uma rutura com o sujeito, dado que estes não alteram ou influenciam acontecimentos. Como metodologia, esta surge como um aprofundamento das contribuições do interacionismo simbólico, da Escola Ecológica de Chicago e dos trabalhos de Strauss.

Como funciona a *situational analysis*? Mantém-se a estrutura da *Grounded Theory* de Strauss. O



paradigma de codificação e a matriz de codificação transformam-se em matrizes situacionais, que geram mapas situacionais, que descrevem ações, interações e consequências. Os principais tipos de mapas são: mapas situacionais, mapas de arena/mundos sociais e mapas posicionais. Todos os dados são analisados e integrados no contexto. O processo de codificação é simplificado, deixando de existir as diversas fases de codificação. Existe apenas codificação aberta. Os mapas captam a complexidade das relações sociais como um todo.

Uma estratégia comum à *Grounded Theory*

Neste texto uma das ideias presentes é que a *Grounded Theory*, tem-se desenvolvido em quatro sentidos: na continuidade na sua forma clássica, na síntese das diversas correntes, voltar às suas raízes desenvolvendo uma das suas características e por último vem buscar novas contribuições às ciências sociais. A cada momento surge uma configuração nova, desta metodologia, o que coloca a questão de distinguir o que é e não é *Grounded Theory*.

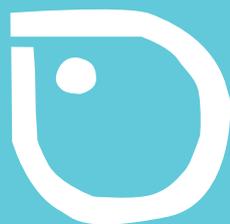
Até ao momento existem cinco formas de *Grounded Theory*. Os autores dividem-se em duas correntes, os que defendem que deve-se optar por uma corrente sem fazer misturas (Urquart, 2013; Gibson & Hartman, 2014) e os que procuram simplificar, sintetizar e compreender a sua essência (Birks, & Mill, 2011).

Mesmo os autores que defendem a opção por uma corrente, cedem e evoluem, em princípios base polémicos (Urquart, 2013; Gibson & Hartman, 2014). O *software* de análise pode ser utilizado desde que não influencie a forma como a análise é realizada. A tábua rasa, indica apenas que o investigador deve centrar-se nos dados.

Birks e Mills apresentam as principais características comuns a todas as formas de *Grounded Theory* (Birks, & Mill, 2011): a) O início da pesquisa parte de uma área ou problema, como uma pergunta de partida, todos necessariamente, vagos e a serem desenvolvidos no decurso da investigação (b) A qualidade depende da congruência dos procedimentos e da sua precisão; (c) Todo processo é acompanhado por *memos* que são fundamentais na integração de dados e criação de teorias; (d) todo o processo implica reflexividade porque assenta no investigador e na sua sensibilidade teórica; (e) A investigação é marcada pela amostra teórica; (f) A análise é realizada pelo constante método comparativo, através de uma codificação dividida em inicial, intermédia e avançada. (g) A integração teórica é feita através de diagramas ou mapas. (h) A análise faz-se realizando perguntas aos dados procurando incidentes e através destes a categoria central. (i) Apresenta um processo denominado abdução, caracterizados pela complementaridade indução e dedução.

Dificuldades e adaptações

Fazer *Grounded Theory* é um desafio por três motivos: As dificuldades do mundo académico onde a tradição está em verificar teorias, em vez de as criar (Bryman, 2007) ; O desafio de adaptar a investigação ao contexto e participantes; O direito do portador de deficiência ter acesso à investigação, realizando as devidas adaptações.



Dificuldades do mundo académico

O principal problema colocado à investigadora consiste em apresentar a Grounded Theory. Colocam-se três problemas: Não existir uma revisão de literatura, hipóteses e modelo de análise; Em termos metodológicos não existir à partida uma amostra, universo, área geográfica e uma duração de entrevista bem definida, por último a questão de apresentação dos resultados (Glasser & Strauss 1967).

O desafio de contornar esta dificuldade passou por partir da corrente straussiana, mais próxima do modelo académico. Esta parte de um problema, tem algo muito próximo de um modelo de análise, um paradigma e matriz de codificação. O problema das hipóteses e assunções teóricas não é possível de resolver porque o objetivo é criar teorias.

O segundo problema coloca-se a nível metodológico e a resposta foi dada na defesa do projeto com Presidente do Júri para fazer e recomendado por Glasser (1998), fazer um bom capítulo sobre a Grounded Theory.

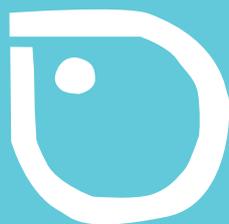
No final existe o problema da estrutura. Não há uma regra sobre como escrever e qual é a estrutura. Para Corbin e Strauss (2008) essa estrutura é composta por uma introdução, contextualização, problema, respostas a esse problema, consequências e conclusões. A redação da tese, segundo Glasser (2012), incita a que esta possa feita ao longo de toda a pesquisa em blocos num esquema provisório até atingir a sua forma final. A mesma estratégia é utilizada e recomendada por Charmaz (2006) mas começando por fazer uma introdução e conclusão, preenchendo ao longo do tempo esse intervalo. Foram consultadas para este artigo duas teses de doutoramento, a primeira (Sengstock, 2008) apresenta uma estrutura clássica, apresentando no entanto um extenso capítulo metodológico. A segunda (Pieters, 2009) ainda mais simples, apresenta uma introdução e uma conclusão. Pelo meio apresentam vários blocos onde se inclui a pesquisa bibliográfica de cada capítulo, mas sem um capítulo extenso sobre a Grounded Theory.

Uma outra situação entra nesta equação. Quer o presidente da mesa, na defesa do seu projeto, quer o orientador defendem que a investigadora por ter paralisia cerebral e baixa visão deve envolver-se na tese. Isto enquadra-se na Grounded Theory construtivista.

Dificuldades inerentes ao meio escolar estudado

As dificuldades inerentes ao meio escolares apresentam três questões, a amostra teórica, disponibilidade dos entrevistados e questões éticas.

A amostra teórica diz basicamente que o trabalho de campo só termina com a saturação teórica. Não se sabe realmente nem a duração, nem quantos elementos são necessários. Em causa está a comparação das estratégias de ensino entre docentes de Educação Especial e do Ensino Regular. No trabalho de campo revelou-se que, para dez, ou mais professores do Regular existe um do Especial. Acrescenta-se que estando em causa alunos com paralisia cerebral, o número de professores do regular que trabalharam com estas crianças/jovens é maior que do Especial, podendo, boa parte destes não terem qualquer experiência neste sentido. A saturação atingir-se-á em docentes do Ensino Regular. Contudo nos de Educação Especial, ficarão provavelmente algumas lacunas teóricas. Qual é a solução para este problema? Apesar da Grounded Theory visar



a criação de teoria, há que aceitar o princípio da generalização naturalista. A preocupação está em recolher conhecimentos relativos ao contexto e com aquilo que estes podem dar (Sholfield, 2002).

O meio escolar tem vários constrangimentos. Os docentes apenas possuem os intervalos e a sua componente não letiva para dar a sua contribuição, exceto se disporem a falar com o investigador fora da escola, por outro lado são muito diretivos e práticos o que dificulta a utilização de entrevistas totalmente livres. Na *Grounded Theory* parte-se para entrevistas em profundidade e depois para entrevistas semi-estruturadas (Corbin & Strauss, 2008). Para investigadora, a forma que a entrevista toma depende da situação, do tempo e características dos entrevistados. Em princípio, se possível à partida, são livres, mas por trás estão os elementos de uma matriz de codificação, que está num guião de entrevista que basicamente reproduz a estrutura da função docente e seu contexto, potenciando a emergência de conceitos e teorias.

As questões éticas condicionam o desenvolvimento da pesquisa. Os participantes têm o direito de recusar participar na investigação. O investigador, por seu lado, tem o dever de proteger os que aceitem fazer parte do estudo. No caso das entrevistas, há consequências para ambas as partes que há que acautelar (Kvale, 2007). Durante toda a pesquisa, sempre que possível, procurou-se entrevistar pais, crianças e técnicos como forma de contextualizar a pesquisa. A deficiência é tema sensível e os encarregados recusaram a participação dos seus educados, quer porque não os querem expor, quer por não aceitarem as suas limitações. Dos que aceitaram participar, encontraram-se situações de pobreza extrema e problemas do foro familiar, aspetos a acautelar. O número de casos era insuficiente para atingir-se a saturação teórica, daí que os docentes que tiveram e têm alunos com paralisia cerebral, passaram a ser o objeto de estudo. O problema ético reduziu-se porque o centro passou a ser a forma como os docentes vêm e trabalham com estes alunos.

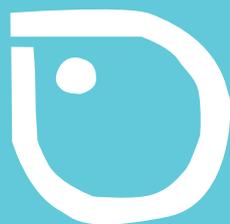
A investigadora e orientador portadores de deficiência

Que adaptações são necessárias para que um portador de deficiência visual e Paralisia Cerebral possam fazer investigação? A resposta está em dois aspetos: As adaptações ao nível de métodos e técnicas utilizadas; os ajustamentos na apresentação dos dados.

A investigadora tem dificuldades motoras, em consequência disso a pesquisa está limitada a um espaço geográfico, acessíveis por transporte público. A *Grounded Theory* não tem limites geográficos, mas a investigadora tem, é a cidade de Lisboa, podendo pontualmente ir aos seus arredores.

A nível visual a sua capacidade é reduzida o que obriga a simplificar os instrumentos como forma mais fácil de os utilizar. A esta limitação, junta-se o facto de esta ter apenas uma mão útil apresentando dificuldades em tirar notas e apontamentos de imediato. No trabalho de campo e procedimentos procuraram-se soluções, principalmente dentro das correntes da *Grounded Theory* mas também fora desta,

As adaptações nas entrevistas foram que estas entrevistas são gravadas, e analisadas no mais breve espaço de tempo. O seu agendamento é feito não pela comodidade da investigadora mas



sim pela disponibilidade dos participantes. Nesta circunstância criou-se um duplo procedimento inspirado na *Grounded Theory* clássica (Glasser, 1992; (Glasser, 1998) e strausiana (Corbin & Strauss, 2008), perante a dificuldade em analisar os dados imediatamente. No final de uma entrevista tiram-se notas, não só, do que se passou assim como das categorias que emergem. Estas vão condicionar a próxima entrevista. No mais breve espaço de tempo possível, dá-se a transcrição da entrevista e a sua análise detalhada.

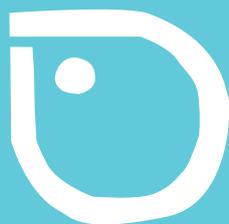
O orientador desta Tese de Doutoramento é invisual colocando-se o problema da apresentação dos dados. Na preparação deste artigo foi-lhe perguntado o que é que via. E respondeu "Texto", não vê gráficos, a sua utilização implica o recurso a uma descrição detalhada para que o possa ler. A investigadora está a utilizar o Atlas ti para analisar os dados. Os diagramas presentes na *Grounded Theory* não são visíveis para o orientador. Duas soluções possíveis foram: o recurso a matrizes, (Miles, Huberman M & Saldaña, J., 2014) em que facilmente pode integrar o conteúdo de um diagrama que é texto e a segunda é recorrer principalmente à forma escrita, com descrições e citações. Tudo isto tem de ser feito manualmente num trabalho de transposição para a Tese. Quanto à investigadora, tem baixa visão e a Tese tem de ser escrita em areal 16 com adaptações quanto à forma e número de páginas.

A vida da investigadora funde-se com objeto de estudo. A familiaridade é vista como uma vantagem, em termos de todo o processo de investigação, no acesso ao campo, à compreensão dos participantes e nos limites éticos. Metodologicamente à *Grounded Theory* juntou-se a etnografia em que é fundamental ao investigador integrar-se no meio para compreender o fenómeno de uma forma holística. Estes aspetos já estão presentes quer *Grounded Theory* construtivista e *Situational Analysis*. No conjunto desta metodologia, não é a produção de teorias que ressalta é sim a possibilidade de aprender partindo do campo e dar a conhecer o mesmo.

Conclusões

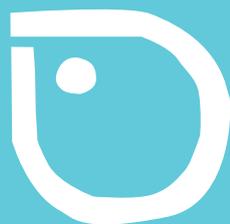
É importante que qualquer portador de uma deficiência tenha acesso à uma carreira académica e à investigação. Neste artigo apresentamos um documento pedagógico de como isso poderá ser feito.

A proposta começa por escolher uma área metodológica, seja ela qual for, aprofunda-la em todas as suas vertentes, mas não se fechar nesta, abrindo-se a todas as soluções disponíveis nas ciências sociais. As adaptações aos portadores de deficiência, variam com a natureza das suas limitações, não há um modelo, apenas uma regra simples, partir das potencialidades, respondendo com imaginação e flexibilidade aos problemas que surgem. A deficiência é apenas um dos aspetos do processo de investigação.



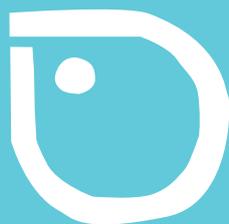
Referências bibliográficas

- Abela, J., Garcia-Nieto, A. & Corbacho, A. (2007). Evolución de la Teoría Fundamentada como técnica de análisis cualitativo. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Beaud, M. (2006). *L'art de la These: Comment préparer et rédiger un mémoire de master, une thèse de doctorat ou tout autre travail universitaire à l'ère du Net*. 5th Ed. New Edition, Paris: La Découverte.
- Beaud S. & Weber, F. (2003). *Guide de L'Enquête de Terrain*. 3rd Ed.. New Edition. Paris:Éditions la Découverte.
- Berthelot, J. M. (2001). Programmes, paradigmes, disciplines: Pluralité et unité des sciences sociales, in Berthelot J-M (Org.), *Épistémologie des Sciences Sociales* (457 – 575). Paris: Presses Universitaires de France.
- Birks, M. & Mill, J. (2011), *Grounded Theory: A Practical Guide*, London: SAGE Publications.
- Bowers B. & Schatzmann, L. (2009). Dimensional Analysis in. Morse J (Eds), *Developing Grounded Theory: The Second Generation* (86- 107), Walnut Creek: Left Coast Press.
- Bryman A. (2007), *Social Research Methods*, Oxford, Oxford University Press
- Burgess, R. (1997), *A Pesquisa de Terreno: Uma introdução*, Oeiras: Celta Editora.
- Campenhout, L. V. & Quivy R. (1998), *Manual de Investigação Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Charmaz, K. (2009), Shifting the Grounds: Construtivist Grounded Theory Methods, in Morse, J. (Eds) , *Developing Grounded Theory: The Second Generation* (127 - 193), Walnut Creek: Left Coast Press,
- Charmaz. K. (2011), A Construtivist Grounded Theory Analysis of Losing and Regaining a Valued Self, in Wertz, F., Charmaz, K., MacMullen L., Josselson, R., Anderson, R., & McSpadden, *Five Ways of Doing Qualitative Analysis* (165 - 204), London: The Guilford Press.
- Clarke, A. (2005), *Situational Analysis: Grounded Theory After the Postmodern Turn*, London: SAGE Publications.
- Clark, E. (2009), From Grounded Theory to Situational Analysis: What is New? Why? How? , in Morse, J. (Eds) , *Developing Grounded Theory: The Second Generation* (194 - 235), Walnut Creek: Left Coast Press.
- Corbin, J. & Strauss A. (1990). *Basics of Qualitative Research*, London, SAGE Publications.
- Corbin, J & Strauss, A. (2008). *Basics of Qualitative Research*. 3rd Edition. London: SAGE Publications.
- Costa, A. E. (1986). Pesquisa de Terreno em Sociologia. in Pinto, J. M. & Silva, A. S. (Org). *Metodologia das Ciências Sociais* (129 – 140). Porto: Edições Afrontamento.
- Creswell J. (2013). *Qualitative Inquiry & Research Design: Choosing Among Five Approaches*. 3rd Edition London: SAGE Publications.
- Fernandes, A. G. (1995). *Métodos e Regras para Elaboração de Trabalhos Académicos e Científicos*.



Porto: Porto Editora.

- Flick, U., (2007). *Designing Qualitative Research*. London: SAGE Publications inc.
- Gibbs, G. (2001), *Analyzing Qualitative Data*, London, SAGE Publications.
- Gibson B. & Hartman, J (2014), *Rediscovering Grounded Theory*. London: SAGE Publications.
- Glasser, B. & Strauss A. (1965). *Awareness of Dying*. New Brunswick: Aldine Transaction.
- Glasser, B. & Strauss A. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter.
- Glasser, B. & Strauss A. (1968). *Time for Dying*. New Brunswick: Aldine Transaction.
- Glasser, B. (1992). *Basics of Grounded Theory Analysis*. Mill Valley: Sociology Press,
- Glasser, B. (1998). *Doing Grounded Theory: Issues and Discussions*, Mill Valley, Sociology Press.
- Glasser, B. (2008). *Doing Quantitative Grounded Theory*, Mill Valley: Sociology Press.
- Glasser, B. (2012), *Stop,Write:Writing Grounded Theory*. Mill Valley: Sociology Press.
- Karagiannis A., Stainback S. & Stainback W. (1999). *Fundamentos do Ensino Inclusive in Stainback S. & Stainback W. (Org). INCLUSÃO: Um Guia para Educadores (21 – 34)*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Kvale, S. (2007). *Doing Interviews*. London: SAGE Publications.
- Martin V. & Gynnild A. (2012), Eds, *Grounded Theory: The Philosophy, Method and Work of Barney Glasser*, Boca Raton: Brown Walker Press.
- Miles M., Huberman M. & Saldaña, J. (2014). *Qualitative Data Analysis: A Methods Sourcebook*. 3rd Ed. London: SAGE Publications.
- Miller, G. & Fox, K. J. (2004). *Building bridges: The possibility of analytic dialogue between ethnography, conversation analysis and Foucault in D. Silverman (Ed). Qualitative Research: Theory Method and Practice (34 - 38)*, 2nd Ed. London, SAGE Publications.
- Morse, J. (2009)(Eds), *Developing Grounded Theory: The Second Generation*, Walnut Creek: Left Coast Press.
- Pertz, H. (2000), *Métodos em Sociologia*. Lisboa: Temas e Debates.
- Pieters H. (2009), *From "Cancer Patients" to "Cancer Survivors" Older Breast Cancer Survivors in Transitions*, PhD thesis, Los Angeles: University of California.
- Schatzmann, L. & Strauss, A. (1973). *Field Research: Strategies for Natural Sociology*. Toronto: Prentice-Hall ink.
- Sengstock, B. (2008), *A grounded theory study of nursing students' experiences in the off-campus clinical setting*. PhD thesis, Central Queensland, consultado em 20-02-2014 em prints.qut.edu.au/30282/1/c30282.pdf



Sholfield, J. (2002), Increasing the Generalizability of Qualitative Research, in el Hubermann A. & . Miles M. (Eds.), *The Qualitative Research Companion* (pp 171 - 203), SAGE Publications.

Silverman . D (2013). *Doing Qualitative Research*, 4th Edition, London: Sage Publication.

Stake, R. E. (2010), *Qualitative Research: Studing how things work*, New York: The Guilford Press.

Strauss, A. (1987), *Qualitative Analysis for Social Scientists*, Cambridge: Cambridge University Press.

Urquart, C. (2013), *Grounded Theory for Qualitative Research: A Practical Guide*. London: SAGE Publications,

Vigour, C. (2005). *Comparaison dans les Sciences Sociales: Pratiques et methodes*. Paris: La Decouverte.

Yin, Robert K. (1994). *Case Study Research: Design and Methods*. 2nd Edition, London: SAGE Publications inc.